



O médico Gabor Maté, autor do livro 'Vício: O Reino dos Fantasma Famintos' (Geraldine/Thales)

Vício é sintoma de trauma profundo, segundo médico especialista em dependência

Autor de novo livro sobre o tema, húngaro Gabor Maté diz ouvir de seus pacientes que eles usam substâncias para afastar a dor

Ana Battalio

SÃO PAULO Algumas das alterações cerebrais que ocorrem em dependentes de drogas ou de jogos de azar e de redes sociais são bem conhecidas. O que muitos ainda não compreendem é que elas não são exatamente a causa do vício, e sim um sintoma da adição, associada a traumas profundos, segundo Gabor Maté, médico húngaro radicado no Canadá e autor de diversos livros sobre neurociência do vício.

"A pergunta não é o que a dependência faz ao cérebro, mas o que houve durante a vida da pessoa que tornou o cérebro suscetível à dependência, e eu te digo que é o trauma severo, o sofrimento humano. Todos os meus pacientes dizem, categoricamente, que usam substâncias químicas para afastar a dor, o sofrimento", diz Maté.

O médico defende que essa compreensão dos mecanismos biológicos envolvidos com o vício podem ajudar no tratamento de dependentes químicos e usuários em situações de vulnerabilidade, trabalho que ele realiza há mais de 20 anos em um centro em Vancouver, no Canadá.

"O cérebro se vicia porque existem certos circuitos que estão envolvidos na dependência, como neurotransmissores opioides, que estão lá para nos dar alívio da dor e dar prazer. Agora, ao obter esses opioides de fora, uma pessoa se torna dependente porque o cérebro dela já está alterado pela própria experiência de vida."

Vancouver criou, em 2003, abrigos e centros considerados seguros para o uso de substâncias químicas, onde equipes médicas supervisionam usuários de drogas.

Um dos primeiros centros foi o Downtown Eastside, onde Maté atuou como médico.

Em seu livro "Vício: O Reino dos Fantasmas Famintos", recém publicado no Brasil pela editora Sextante, ele conta sobre várias das experiências particulares desses usuários na tentativa de ajudá-los a superar seus traumas pessoais e curá-los da adição.

O autor lembra que a dependência se manifesta em qualquer comportamento em busca de um prazer temporário ou alívio momentâneo da dor, mesmo que traga consequências negativas, como é hoje debatido o vício em jogos de apostas online ou de telas.

"Uma pessoa que joga em um cassino, ou jogos de azar, não é viciada em dinheiro, pois, se ganhar uma aposta na noite anterior, no dia seguinte vai apostar tudo e perder o dinheiro. Então, pode ser qualquer comportamento, drogas, cafeína, álcool, morfina, cocaína, pornografia, compras."

Mas ele não limita as alterações cerebrais aos dependentes quími-

cos. Os estudos por trás do vício evoluíram nas últimas quatro décadas, e hoje existe um vasto conhecimento científico sobre os diversos tipos de comportamentos com alto potencial aditivo, incluindo aqueles relacionados ao uso de telas em crianças menores de quatro anos, por exemplo.

"Não precisamos constantemente de recompensas para estimular o cérebro e produzir hormônios que nos fazem sentir bem e, quando não conseguimos por interações sociais, amor, ou outras formas, buscamos através de outros mecanismos, como abuso de telas, drogas, vício em compras. Sempre tem uma base para suprir aquela falta."

É claro que o mal causado e os potenciais problemas de saúde gerados por diferentes tipos de vícios não são os mesmos, reforça o médico, sendo o uso de drogas pesadas e até mesmo de opioides, como no caso dos EUA, muito grave. Mas ao compreender de que tais comportamentos são, na verdade, relacionados a alterações nas composições químicas cerebrais pode ajudar na busca de novas vias de tratamento.

Segundo ele, as intervenções médicas são limitadas, e também há uma ignorância por parte da classe médica de que o vício é uma questão inerente ao indivíduo e pode ser genético. "Se os médicos e os profissionais de saúde olhassem para a ciência, para os estudos de como o cérebro se desenvolve, a medicina poderia mudar, a política social contra as drogas poderia mudar."

Vício: O Reino dos Fantasmas Famintos

Autor: Gabor Maté. Editora Sextante
Preço R\$ 79,90 (464 pgs.).
R\$ 44,99 (ebook)

Estudo de 2000 acertou desmate na Amazônia

De 2001 a 2024, perdemos 277 mil km² de florestas, como projetavam pesquisas

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente; autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicológica Brasileira" (Jó. Folloni)

O tempo é rei, como canta Gilberto Gil. No ano 2000, uma reportagem sobre ambiente virou rara manchete da *Folha*, naquela quadra em que a crise do clima ainda parecia coisa de bicho-griko, e dizia: "Obras federais ameaçam florestas".

A chamada de capa alertava: "A recuperação e pavimentação de quatro estradas do programa federal de obras Avança Brasil ameaça condenar à destruição até 182 mil km² de florestas, uma área equivalente a duas vezes a de Portugal".

O estudo obtido pela *Folha*, fruto de reportagem, era obra de três ONGs, duas brasileiras (Ipam e ISA) e outra norte-americana (WHRC). Avança Brasil era o plano desenvolvimento do governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que, apesar do estilo cosmopolita e civilizado, não recebeu bem a previsão.

Dois meses depois, a pesquisa baseada em extrapolações sobre o desmatamento induzido por rodovias encorpou as projeções e saiu em 11 de janeiro num periódico científico de prestígio, *Nature*. A reportagem da *Folha* destacava: "Estudo prevê 270 mil km² de devastação". Um imenso Portugal.

O prazo coberto pela estimativa abrangia de 2001 a 30 anos. Uma consulta às taxas oficiais de desmatamento apuradas por satélite pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), um quarto de século depois, revela que a turma das ONGs acertou em cheio, ou quase, para minha surpresa.

Entre 2001 e 2024, a destruição de florestas na Amazônia Legal totalizou 277 mil km². Sete mil quilômetros quadrados mais que a previsão dada antes como alarmista. Uma vergonhosa contribuição brasileira

Entre 2001 e 2024, a destruição de florestas na Amazônia Legal totalizou 277 mil km². Sete mil quilômetros quadrados mais que a previsão dada na época como alarmista. Uma vergonhosa contribuição brasileira para agravar o aquecimento global (a biomassa da vegetação destruída vira CO₂, principal gás do efeito estufa).

O caso voltou à mente com a entrevista que Giuliana Miranda publicou com o ecólogo norte-americano William Laurance. Seu título deflagrou o proverbial déjà vu: "Estradas são a porta de entrada para destruição da Amazônia, alerta pesquisador veterano da floresta".

Dois semanas depois da manchete de 2000, Bill Laurance, como era conhecido, se virou no epicentro de uma crise política por causa de um estudo similar, que produzia perda adicional de 18% a 43% da Amazônia até 2020 (o total está em quase 20%). Ele já morava havia cinco anos no Brasil, trabalhando no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa).

Sofreu ataque virulento em nota do Ministério da Ciência e Tecnologia, que assinou ser o autor principal de novo estudo preocupante, agora na revista *Science*, um cientista vinculado ao Smithsonian Tropical Research Institute, "baseado no Panamá". O comunicado dizia que o trabalho não contava com chance institucional do Inpa.

O MCT caprichou na paranoia nacionalista: "É curioso que a divulgação dessa futurologia ecológica (...) ganhe expressão pública exatamente no momento em que se discutem teses polêmicas acerca do impacto nas mudanças globais do clima a partir das emissões dos países desenvolvidos e de sua responsabilidade com metas de redução da emissão de carbono".

Houve até ameaça de expulsar Laurance do país. O mesmo país devastador que hospeda agora a COP30 numa Amazônia com três Portugal a menos de floresta.

www.battalio.com.br | @battalio | 11 5083-1111 | 11 5083-1111 | 11 5083-1111